

Boletim

Nº 2.087 - Ano 46 - 17 de fevereiro de 2020

Raphaella Dias | UFMG

Detalhe de página de
livro infantil em Braille

BIBLIOTECAS MAIS ACESSÍVEIS

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) e a Biblioteca Universitária (BU) estão desenvolvendo ações para tornar mais eficiente a preparação de material didático para pessoas com deficiência. Uma das medidas é o repasse de escâneres para as bibliotecas, que farão o escaneamento dos textos solicitados pelos estudantes e os enviarão ao NAI para as devidas adaptações.

Mas, afinal, do que estamos falando quando o tema é **HETEROIDENTIFICAÇÃO** racial?

Shirley Aparecida Miranda*
 Daniely Roberta dos Reis Fleury**
 Rodrigo Ednilson de Jesus***
 Licinia Maria Correa****
 Tarcísio Mauro Vago*****

Inciam-se os processos para ingresso nos mais variados cursos de graduação da UFMG. É um momento em que se conjugam as expectativas dos novos estudantes com a responsabilidade político-administrativa da instituição que os acolhe. Ao mesmo tempo, a efetividade das políticas que adota precisa ser garantida. Desde esse início, a UFMG deve afirmar a centralidade das políticas de educação como eixo importante para a transformação social.

É exatamente nessa conjuntura que se insere a política de ações afirmativas, em sua modalidade mais conhecida (cotas raciais), bem como os mecanismos necessários para assegurar que essa política alcance os fins pretendidos. É disso que estamos falando quando nos referimos à heteroidentificação racial, como instrumento complementar à autodeclaração.

É bastante comum que as pessoas, ao ouvirem o termo heteroidentificação pela primeira vez, indaguem se há alguma relação com o campo da sexualidade – orientação sexual (homo ou homossexualidade). Embora o termo refira-se a aspectos que constituem a identidade dos sujeitos, o procedimento de heteroidentificação diz respeito ao modo como as pessoas são socialmente identificadas e posicionadas no que diz respeito a grupos raciais. Nesse sentido, o procedimento de heteroidentificação racial consiste em utilizar a percepção social de *outro(s)*, que não a própria pessoa, para promover a identificação racial. É por isso que se utiliza o radical grego *hetero*, que designa a ideia de *outro* e que se distingue do radical *auto*, que traz a ideia de próprio.

A publicação da Lei 12.711/12, que reserva vagas para pessoas negras (de cor preta ou parda) no ensino público superior, representou passo importante para reparação da trajetória de exclusão e negação de direitos que permeia a história da população negra no Brasil. As desigualdades materiais e simbólicas entre negros e brancos são tamanhas que se faz necessária a criação de políticas que assegurem o acesso a direitos fundamentais, como a educação, restabeleçam o equilíbrio da balança social e, ao mesmo tempo, combatam o racismo, de forma a contribuir na posituação da identidade negra.

Implementar a política pública com foco na promoção da igualdade racial e garantir que ela alcance seu público-alvo não é tarefa fácil, embora extremamente necessária. E antes que se diga que é uma atividade impossível no Brasil, relembremos que a identificação racial é feita rotineiramente no âmbito das relações sociais privadas, públicas e até institucionais, em contextos nada afirmativos. Identifica-se o sujeito negro associando-o a estereótipos negativos, patológicos e desviantes, o que significa que, infelizmente, essa identificação nunca pareceu ser uma questão tão problemática e difícil em nossa sociedade. Por que então seria um complicador valer-se do olhar social em uma perspectiva de garantia de direitos e não de exclusão?

Em nossa perspectiva, a política de cotas e a necessidade de garantir que seus sujeitos de direito tenham acesso a ela toca no que se pode chamar de “calcanhar de Aquiles” da nossa sociedade: refletir sobre nossas relações étnico-raciais. Essa reflexão implica, sem dúvida, desconstruir mitos e romper com narrativas harmônicas e confortantes que nos faziam dormir “o sono dos justos” sob a alegação de que “somos todos iguais”, mesmo que as estatísticas e a percepção cotidiana mostrem nitidamente que “uns são mais iguais que outros” e que podemos identificar racialmente quem é a população que mais morre no Brasil, que predomina nos presídios ou que se encontra em condição de desemprego e desumanidade.

Trata-se de uma política que, assim como outras, precisa ser acompanhada e fiscalizada a fim de beneficiar a população negra. Logo, a heteroidentificação deve ser pensada a partir desse contexto, pois não há interesse público em interferir na esfera do sentimento ou da cultura das pessoas. No entanto, em se tratando de uma política pública, é necessário determinar o seu público-alvo e verificar se o sujeito está sendo percebido socialmente como destinatário dela.

As cotas raciais não dispensam a auto-percepção dos candidatos. Esse é o primeiro passo e exige reflexões importantes: “eu sou a pessoa que essa política afirmativa pretendeu alcançar?” Ou ainda: “eu faço parte desse grupo racial (negro), que é posto em condição de inferioridade por conta da

raça?” E por fim: “Eu sou negro? Sou visto e tratado socialmente como pertencente a esse grupo racial?”

Trata-se de um exercício intenso de autorreflexão, que perpassa por processos de construção-desconstrução pessoal e coletiva da própria identidade e de estereótipos, que precisam ser feitos antes de alguém se candidatar a uma vaga reservada a pessoas negras. Lembramos que todo o processo de ingresso é um convite à reflexão: desde a inscrição, o candidato é chamado a se manifestar sobre sua identidade racial (autodeclaração). Em seguida, ele redige uma carta consubstanciada na qual pondera para si próprio os motivos que o fazem se identificar como membro do grupo racial negro. Por meio de assinatura e manifestação oral, ele confirma sua autodeclaração.

Contudo, a autodeclaração já se mostrou insuficiente para a efetividade da política pública. Por isso, de forma complementar a esse instrumento, a comunidade acadêmica, diversamente representada em termos de gênero, raça e segmento profissional, corrobora (ou não) a manifestação do candidato, com base na percepção social sobre a raça daquela pessoa. É a esse procedimento que chamamos de heteroidentificação racial.

Trata-se, portanto, de um momento de reflexão cidadã, já que as cotas raciais têm importante papel na transformação social e na redução das desigualdades, por incidirem em eixos estruturantes da sociedade – educação, empregabilidade e renda – e por possibilitarem que a população negra tenha representatividade em espaços que simbolizam *status*, poder e riqueza.

*Professora da Faculdade de Educação e presidenta da Comissão Permanente de Ações Afirmativas e Inclusão

** Diretora de Políticas de Ações Afirmativas da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis

*** Professor da Faculdade de Educação

**** Professora da Faculdade de Educação e pró-reitora adjunta de Assuntos Estudantis

***** Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e pró-reitor de Assuntos Estudantis

MOVIMENTO e CONTEXTO

Software desenvolvido por pesquisadores do DCC identifica ações humanas em filmagens e gera patente em parceria com a Samsung

Matheus Espíndola

Um programa que interpreta os movimentos corporais das pessoas, levando em conta os objetos e todo o contexto ao redor, criado por pesquisadores do Departamento de Ciência da Computação (DCC) da UFMG, pode transformar a concepção de sistemas de segurança e tornar-se precedente para o desenvolvimento de *smart homes* – casas equipadas com dispositivos que executam várias ações automaticamente, a fim de facilitar a rotina dos moradores.

“Ações realizadas diante do espelho do banheiro, como escovar os dentes, podem ser identificadas com base no movimento das mãos e na presença da escova”, afirma Victor Hugo Cunha de Melo, doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação e um dos autores da patente. Segundo ele, o novo mecanismo possibilita que a inteligência artificial aprenda a modelar, temporal e espacialmente, a interação com o ser humano, que geralmente é o principal agente de uma cena que se quer reconhecer.

‘Treinamento’

De acordo com Victor Hugo, o trabalho desenvolvido no laboratório Smart Sense Lab, vinculado ao DCC, resultou em software que deve ser associado a um dispositivo que

captura vídeos – desde uma simples câmera de celular até um complexo circuito de filmagens de um condomínio. “O algoritmo detecta conceitos de contexto nos vídeos. Uma rede neural, devidamente ‘treinada’, extrai relações espaciais e temporais entre pessoas e objetos, e, assim, decifra a ação”, detalha.

Esse “treinamento” ocorre mediante a apresentação, para o software, de centenas de vídeos com ações para as quais se deseja configurar correspondências. “Para a elaboração do programa, fizemos testes usando bases públicas de vídeos disponíveis na internet”, explica Victor Hugo.

O professor William Robson Schwartz, do DCC, lidera o grupo que criou o software. Segundo ele, o projeto desenvolvido em parceria com a empresa sul-coreana de tecnologia Samsung visa, principalmente, o reconhecimento de atividades aplicado à saúde. “É possível medir o quanto uma pessoa está andando, correndo, subindo escadas, ou por quanto tempo está comendo e bebendo. A ideia é combinar as informações visuais, captadas pelas câmeras, com dados de sensores presentes em telefones ou *smartwatches* (relógios inteligentes) para identificar as atividades”, detalha.

Coautor da patente, o estudante Jesimon Barreto Santos, bolsista do Smart Sense Lab, informa que, para cada finalidade, o software deve ser “treinado” com vídeos de ações específicas. “No caso do sistema de segurança de um prédio, podemos sugerir ao programa uma série de imagens de indivíduos pulando a catraca e de pessoas atravessando normalmente”, exemplifica. O programa também pode ser configurado para identificar interações suspeitas de pessoas portando objetos, como uma faca. “Assim, um alerta é acionado para notificar um operador humano, que deve avaliar a situação de risco”, completa.

O software desenvolvido no DCC também pode ser usado para detectar quedas ou outros fatos perigosos para pessoas enfermas, ou simplesmente como um organizador pessoal de vídeos, capaz de agrupá-los conforme ações semelhantes. De maneira análoga, movimentos inerentes aos esportes também são passíveis de avaliação. “Ao detectar a presença de uma bola, o dispositivo analisa variáveis, como sua velocidade e trajetória, além da proximidade e da interação com o corpo do atleta, para identificar o tipo de esporte em questão”, exemplifica Victor Hugo, lembrando que a tecnologia pode até se desdobrar, futuramente, na concepção de um jogo sem árbitro humano.

Smart homes

Os autores do trabalho acreditam que o programa pode contribuir para a evolução das *smart homes* (casas inteligentes). “O software pode ser treinado para que os equipamentos da casa funcionem automaticamente: substituir músicas de acordo com as ações no ambiente ou acionar a cafeteira quando as câmeras identificam pessoas conversando na mesa de reuniões”, ilustra Jesimon Barreto.

Os pesquisadores ressaltam, no entanto, que a tecnologia, apesar de ajudar a traduzir ações com muita precisão, dificilmente será algum dia capaz de entender de fato a “semântica” dos movimentos. “Alertas podem ser acionados ainda que as pessoas estejam apenas encenando ou brincando. É preciso interpretar a intenção das ações, e, para isso, a mediação humana sempre será imprescindível”, defende Jesimon.



William Schwartz (à esquerda), Jesimon Barreto (de camisa escura) e Victor Hugo de Melo: software “treinado” para identificar movimentos humanos

Raphaella Dias | UFMG

Nas ÁGUAS da PAMPULHA

Pesquisador da UFMG lidera descoberta de vírus com genes inéditos

Eliane Estevão

Um vírus descoberto nas águas da Lagoa da Pampulha em estudo liderado pelo professor Jônatas Santos Abrahão, do Departamento de Microbiologia do ICB, está desafiando o trabalho de classificação de microrganismos, já que reúne 90% dos seus genes ainda desconhecidos pela ciência.

Batizado de Yaravírus, o microrganismo foi encontrado pela primeira vez quando Abrahão e um grupo de pesquisadores procuravam vírus gigantes na Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte. O pré-artigo com os resultados da pesquisa foi publicado no fim de janeiro na revista científica bioRxiv.

Os estudos contam com a parceria da Universidade Aix-Marseille, na França. “Nós buscamos vírus no ambiente, essa é a nossa linha principal de pesquisa. Tentamos procurar o potencial biotecnológico nesses novos vírus que estão no ambiente e, para isso, coletamos amostras em diferentes biomas do Brasil. Nós coletamos amostras, em 2017, na Lagoa da Pampulha, no córrego em frente ao zoológico, e fizemos o isolamento no Laboratório de Vírus. Em seguida, levamos essa amostra ao Centro de Microscopia da UFMG para fazer a microscopia eletrônica e identificar o que estava ali”, conta Jônatas Abrahão.

Segundo o pesquisador, daí veio a maior surpresa: “Esperávamos um vírus similar a outros já descritos, mas, quando vimos as imagens no Centro de Microscopia, percebemos que era um vírus muito pequeno, diferente daqueles com os quais trabalhamos no laboratório, que são vírus gigantes”.

Sequenciamento

O passo seguinte foi fazer a produção desse vírus em grande quantidade e encaminhar para o sequenciamento. “Quando sequenciamos o genoma, percebemos que se tratava de algo completamente novo, porque cerca de 90% das sequências do genoma codificavam para proteínas nunca antes vistas. Então, percebemos que tínhamos em mãos uma entidade biológica completamente nova”, explica o virologista. Sobre a escolha do nome Yaravírus, cuja origem é Yara, a mãe das águas, a ideia foi dar continuidade às nomenclaturas segundo a mi-

tologia indígena Tupi-Guarani. Há cerca de dois anos, o mesmo grupo de pesquisadores isolou o maior vírus do mundo, o Tupanvírus.

Próximo passo

De acordo com Jônatas Abrahão, o próximo passo é buscar apoio de instituições públicas ou privadas para explorar todo o potencial biológico e metabólico associado ao Yaravírus. “Como esses genes e essas proteínas são completamente novos, é bem provável que esse vírus expresse e se valha de vias metabólicas nunca antes descritas. Isso pode ser utilizado para atender a demandas do ser

humano. Portanto, esperamos o apoio para seguir em frente com a pesquisa, formar pesquisadores no laboratório e divulgar a ciência brasileira”.

A descoberta dos genes inéditos pode acarretar diversos impactos para a ciência. “Nesse primeiro momento, o principal impacto do estudo é justamente a grande novidade que essa entidade biológica traz. O Yaravírus mostra para nós o quanto somos ignorantes em relação aos seres e entidades que habitam o nosso planeta. Também mostra o quanto somos ignorantes em relação ao que podemos aproveitar do que a natureza tem a nos oferecer”, destaca Jônatas Abrahão.

“É muito importante investir em ciência básica, buscar ferramentas e formar pessoas para entender a diversidade e a riqueza de espécies, que incluem animais, plantas e até microrganismos”, afirma o professor do ICB.

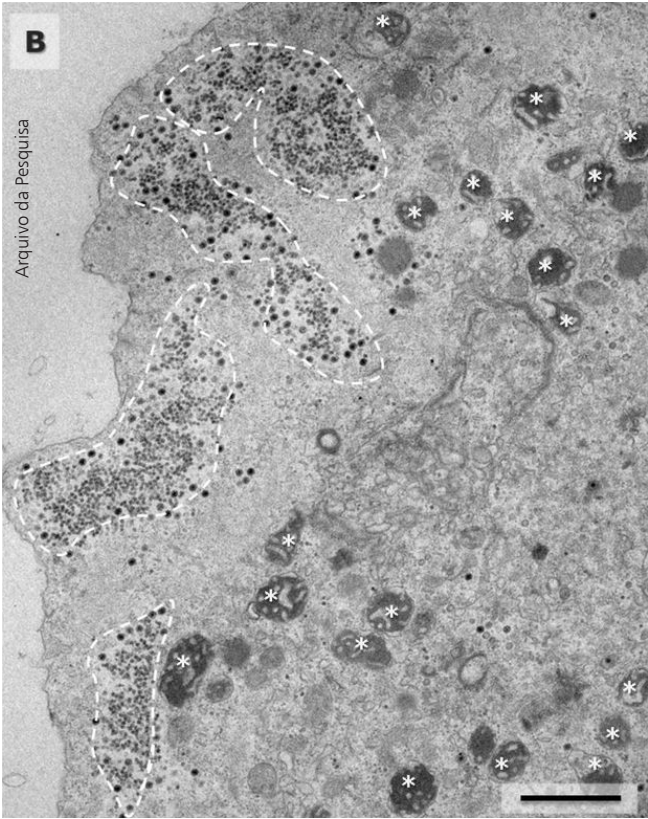


Imagem do Yaravírus: proteínas nunca antes vistas

Pré-artigo: *A mysterious 80 nm amoeba virus with a near-complete “ORFan genome” challenges the classification of DNA viruses*

Autores: Paulo V. M. Boratto, Grazielle P. Oliveira, Talita B. Machado, Ana Cláudia S. P. Andrade, Jean-Pierre Baudoin, Thomas Klose, Frederik Schulz, Saïd Azza, Philippe Decloquement, Eric Chabrière, Philippe Colson, Anthony Levasseur, Bernard La Scola, Jônatas S. Abrahão.

Data de publicação: 28 de janeiro

Revista: *bioRxiv*

TEXTOS para TODOS

Núcleo de Acessibilidade e Inclusão e Biblioteca Universitária firmam parceria para ampliar e tornar mais eficiente o atendimento a pessoas com deficiência visual

Itamar Rigueira Jr.

Em 2019, passou de 100 o número de estudantes da UFMG com deficiência visual, distribuídos nas diversas unidades acadêmicas e em todos os níveis de ensino. E a Universidade vai certamente receber, neste ano, ainda mais alunos cegos e com baixa visão. Naturalmente, esse crescimento faz aumentar a demanda por material didático adaptado. Para fazer frente a essa nova realidade, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) firmou parceria com a Biblioteca Universitária (BU), cujas unidades passarão a escanear os textos solicitados pelos estudantes e enviar para o NAI, que é responsável pela adaptação do material.

O objetivo do projeto Bibliotecas Acessíveis, idealizado no início do ano passado, é tornar mais amplo, ágil e eficiente o processo que culmina na entrega ao aluno do texto adaptado. Hoje, o escaneamento é feito pelo NAI. Para viabilizar a ação conjunta, o Núcleo adquiriu 23 escâneres, do modelo Epson Workforce DS-1630, que serão repassados pela diretoria da BU às unidades integrantes do Sistema de Bibliotecas da UFMG. A doação dos escâneres foi formalizada em em solenidade no último dia 11, no campus Pampulha. “Essa é mais uma iniciativa do NAI que integra o esforço para promover acessibilidade para os estudantes e servidores da UFMG com deficiência”, diz a diretora do

Núcleo, Rosana Passos, professora de Libras (Língua Brasileira de Sinais) na Faculdade de Letras.

Rosana lembra que os textos escaneados podem ser adaptados para diferentes formatos: digital, para uso de leitores de telas no computador, tradução para Braille, impressão com letras aumentadas, impressão em alto relevo e transformação de texto em voz (em arquivos como MP3 e MP4). É fundamental que o escaneamento seja feito de uma determinada maneira e tenha alta qualidade para que se assegure a fidelidade do material adaptado ao original. Os textos nos formatos adaptados podem ser usados não só por pessoas cegas e com baixa visão, como também por outras que tenham dificuldade de apreensão da informação por meio de texto em formato comum.

Acervo de uma década

O NAI se prepara também para entregar ao Sistema de Bibliotecas materiais didáticos adaptados desde 2009 – são cerca de 6 mil títulos. Muito em breve, em torno de 20% desse acervo – que corresponde, em sua maior parte, à produção do ano passado – estará disponível para consulta; o restante passará por revisão dos técnicos do Núcleo, que vão verificar todo o processo, do escaneamento à adaptação, por exemplo, conferir

o texto no leitor de tela, a necessidade de audiodescrição de imagens e a formatação, entre outros.

Assistentes e auxiliares administrativos do Sistema de Bibliotecas serão treinados pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, para a utilização dos escâneres conforme os padrões recomendados para a adaptação dos textos. Segundo a vice-diretora da BU, Sindier Alves, há um projeto específico que concorre a edital do Programa de Apoio à Inclusão e Promoção da Acessibilidade (Pipa), visando sistematizar, por meio do catálogo bibliográfico, o acesso aos materiais adaptados e produzidos pelo NAI.

Sindier anuncia que, neste ano, será realizado um encontro do Sistema de Bibliotecas sobre inclusão e acessibilidade, e um grupo de estudos dará continuidade a discussões sobre o assunto. O Sistema conta com 132 bibliotecários e 77 auxiliares e assistentes administrativos.

Custo-benefício

A escolha do modelo de escâner se deveu a uma relação custo-benefício satisfatória e a características como compatibilidade com os principais sistemas operacionais, velocidade de digitalização adequada, autonomia de produção diária (sem risco de danos) e possibilidade de usar tanto o sistema de bandeja quanto o alimentador automático de folhas.

O revisor de braille do NAI, Anderson Martins, lembra que a informação crescente a respeito do Núcleo atrai cada vez mais pessoas com deficiência, incrementando a demanda. “Quanto mais parcerias estabelecermos com setores diversos da Universidade, maior é a possibilidade de expandir o apoio a essas pessoas, e mais eficiência ganharemos nos processos”, diz.

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão estima em 450 o número de pessoas com deficiência em toda a Universidade (muitos deles já têm autonomia e dispensam apoio, após algum tempo de atendimento). Em 2019, cerca de 270 estudantes foram apoiadas pelo Núcleo por meio de diferentes serviços e ações. Com equipe composta de duas docentes, 16 servidores e 15 bolsistas, o NAI oferece interpretação em Libras, treinamento de rotas, em informática e suporte pedagógico e no uso de tecnologias assistivas.



Página de livro infantil em Braille: demanda por material didático adaptado está em expansão

O HERÓI da COMUNIDADE

Estudante de Design da UFMG cria animações e marcadores para aplicativo usado em coleção de roupas apresentada na Inglaterra por grupo do Aglomerado da Serra

Samuel Resende

O estudante de Design da UFMG Igor Caramaschi ajudou a grife *Remexe*, do Centro Cultural Lá da Favelinha, do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, a desenvolver animações e marcadores em realidade aumentada para o projeto Garota Hacker, por meio da plataforma Jandig.app. Igor criou animações que, por meio de marcadores físicos criados pela plataforma, foram usados em uma coleção de roupas apresentada na Inglaterra pela *Remexe* no fim de 2019.

A oportunidade de participar do projeto foi apresentada pela coordenação do seu curso na Universidade. Após ser um dos escolhidos para trabalhar na criação de marcadores (desenhos usados pelo aplicativo), Igor recebeu orientações do criador do Jandig. Na sequência, ele desenvolveu animações curtas de, no máximo, 15 segundos. A partir daí, as imagens das roupas são exibidas no aplicativo na forma das animações.

Com base nos temas corrupção e o abuso de poder da polícia – propostos pela comunidade do Aglomerado da Serra –, Igor criou o personagem Aglomerado Man, inspirado na

estética dos quadrinhos e que foge de padrões estereotipados. Aglomerado Man é negro, gordo e homossexual. “É um super-herói da comunidade”, define o estudante, ressaltando que sua preocupação foi criar um personagem que representasse melhor aquela população.

Um dos desafios enfrentados por Igor Caramaschi foi compreender o funcionamento do aplicativo e a maneira de se produzir arte para o software. “Outra dificuldade foi desenvolver um trabalho artístico para pessoas que eu nunca tinha visto antes. Por isso, foi muito importante receber um briefing”, revela ele, referindo-se ao conjunto de informações ou coleta de dados passados em uma reunião para o desenvolvimento de um trabalho ou documento.

Desfiles

A viagem do *Remexe* para Bristol, na Inglaterra, realizada no fim de novembro e na primeira quinzena de dezembro, foi viabilizada pelo Conselho Britânico. A coleção, denominada Aglomerado da Serra, foi apresentada em desfiles no Shopping Cabot Circus e contou com os personagens desen-

volvidos no Brasil estampando suas roupas. Os marcadores em realidade aumentada ficaram expostos em manequins, no mesmo centro comercial.

Selecionado em edital governamental, o projeto Garota Hacker foi desenvolvido por meio de parceria com o Centro Popular Gargarullho, o Instituto Kairos, o Zuuk Night e o British Council.

Arte digital colaborativa

O projeto Jandig trabalha com investigações sobre a intervenção de marcadores para visualização de obras sobre o espaço urbano. É uma iniciativa de arte digital de caráter colaborativo que propõe a criação de Zonas Autônomas Temporárias (TAZes) em cada espaço em que é instalado. Essas TAZes são formadas por marcadores espalhados em um espaço por artistas e pelo público, que assim se torna cocriador daquela experiência. Os usuários interagem com marcadores, utilizando dispositivos móveis que abrem janelas no mundo real para visualizar criações digitais, cedidas por intermédio da licença Creative Commons.



Igor Caramaschi

Jovens com marcadores estampados em camisetas; Igor é o segundo da esquerda para a direita



PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS

O curso de extensão em plantas medicinais e fitoterápicos, que atualiza conhecimentos de estudantes e profissionais das ciências biomédicas e áreas afins, aceita inscrições até 6 de março. A formação inclui políticas públicas e legislação aplicada, substâncias ativas encontradas em espécies vegetais, aplicações terapêuticas, interações e toxicidade e produção e controle de qualidade de fitoterápicos, que são medicamentos dotados de princípios ativos obtidos de partes de plantas.

Promovido pelo Laboratório de Farmacognosia e Homeopatia da Faculdade de Farmácia da UFMG (Gnosiah), o curso, que será realizado nos dias 6 e 7 de março, é estruturado em oito módulos independentes, cada um com 15 horas-aula. As atividades serão realizadas das 18h às 22h e das 7h30 às 18h30, respectivamente. Há 50 vagas, cinco delas reservadas para bolsistas. Outras informações podem ser obtidas no site de cursos e eventos da UFMG (<https://bit.ly/2SKCHMe>) e pelo e-mail gnosiah.farmacia.ufmg@gmail.com.

MÚSICA: MESTRADO E DOUTORADO

Os cursos de mestrado e doutorado da Pós-graduação em Música receberão inscrições de 2 a 31 de março, para ingresso no segundo semestre deste ano. Há 27 vagas para o mestrado e 22 para o doutorado. Vagas para candidatos autodeclarados negros estão reservadas.

O processo seletivo terá prova escrita e arguição, ambas de caráter eliminatório e classificatório. A prova será no dia 15 de maio, e os aprovados serão arguidos de 9 a 17 de junho. Outras informações estão no edital regular (<https://bit.ly/2OKId16>) e no suplementar (<https://bit.ly/2HjHYoq>) – este último trata da oferta de vagas para indígenas e pessoas com deficiência. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-4717, pelo e-mail ppgmus@musica.ufmg.br ou na página do programa (<https://bit.ly/2SGiLtE>).

-Ouvidoria

ufmg.br/dgi/ouvidoria/



Sua voz tem peso

A Ouvidoria faz, em média, 100 atendimentos por mês, volume considerado pequeno frente ao tamanho da comunidade. A ouvidora geral, professora Joana Ziller, explica que a instância recebe, encaminha as manifestações e acompanha os desdobramentos para manter informada a pessoa que a procurou. “Para lidar com as questões delicadas, a Universidade precisa, antes de tudo, saber que elas existem. A Ouvidoria é a porta de entrada dessas questões, que são tratadas para que as pessoas tenham um ambiente melhor na UFMG”, afirma.

O contato com a Ouvidoria Geral (ufmg.br/dgi/ouvidoria/) deve ser feito pelo telefone (31) 3409-6466 e pelo e-mail ouvidoria@ufmg.br. O material gráfico foi criado por Rogério Rodrigues, graduado em Artes Visuais pela UFMG.

OUVIDORIA

Os coletores de resíduos localizados no campus Pampulha estão recebendo adesivos que divulgam a Ouvidoria Geral da UFMG e ainda revitalizam o equipamento. A iniciativa, que se junta a outras, como a afixação, semestral, de cartazes nas unidades acadêmicas e administrativas, integra esforço iniciado no ano passado para estimular a comunidade universitária a procurar a Ouvidoria com denúncias, reclamações e sugestões. O anonimato é garantido.

EXERCÍCIOS ADAPTADOS

Estudantes de graduação e pós-graduação com deficiência podem fazer pré-inscrição, até 28 de fevereiro, em projeto que promove a prática de exercícios (natação e treinamento funcional). O objetivo da iniciativa é contribuir para a melhoria da saúde e da qualidade de vida.

As atividades são realizadas no Centro Esportivo Universitário (CEU), sob a supervisão de profissionais de educação física especializados no atendimento de pessoas com deficiência. O projeto é coordenado pela professora Andressa da Silva de Mello, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, e conta com parceria do Programa Superar, da Secretaria de Esportes e Lazer de Belo Horizonte.

As atividades, gratuitas, são realizadas às terças e quintas, a partir das 8h. Para participar, o estudante deverá apresentar atestado médico recente para a prática adaptada, submeter-se a avaliação física e ser sócio do CEU. Informações podem ser solicitadas pelo telefone 3277-4546.

EXPOSIÇÕES NA FALE

O Centro de Memória da Faculdade de Letras (Fale) abre, pela primeira vez, chamada pública para a escolha de exposições relacionadas ao universo das letras a serem montadas em sua galeria. Os candidatos podem propor mostras individuais, coletivas e propostas curatoriais, além de eventos vinculados, como bate-papos e oficinas.

Serão eleitas duas propostas, para os períodos de 27 de maio a 30 de julho deste ano, e 11 de novembro de 2020 a 11 de fevereiro de 2021. As inscrições podem ser feitas até 6 de abril, pelo e-mail selecao.cmfale@gmail.com. Leia o edital em <https://bit.ly/37nvJSi>.

DOMINGO NO CAMPUS

O projeto Domingo no Campus retoma suas atividades com edição em 29 de março, na Pampulha. Estudantes, docentes e técnicos com interesse em promover atividades durante a programação podem enviar suas propostas até as 16h do dia 2 de março, em formulário eletrônico (<https://bit.ly/2SI8oFX>).

As ações são voluntárias, e a UFMG não se responsabiliza por custeio ou fornecimento de materiais. As propostas podem contemplar atividades esportivas, recreativas, brincadeiras e práticas artísticas e culturais que não exijam palco nem equipamentos de amplificação.

As outras edições do Domingo no Campus neste ano serão realizadas em 7 de junho, 13 de setembro (ambas na Pampulha) e 17 de maio, no campus de Montes Claros.

BRINDE ao EXCESSO

Editora UFMG lança tradução de *Embriaguez*, ensaio em que o filósofo francês Jean-Luc Nancy reflete sob(re) efeitos do consumo de álcool no espírito humano

Ewerton Martins Ribeiro

Às vésperas do carnaval brasileiro, festa que se destaca, entre outras coisas, pelo aumento no consumo de álcool, a Editora UFMG lança a primeira tradução para o português de *Embriaguez*, ensaio em que o filósofo francês Jean-Luc Nancy aborda os efeitos do consumo na mente e no espírito do homem. Em um registro que mais parece fruto da influência criativa do álcool sobre o homem do que de uma reflexão metódica tradicional, a obra intercala as epifanias filosóficas do autor com argumentos que outros grandes pensadores elaboraram sobre o tema.

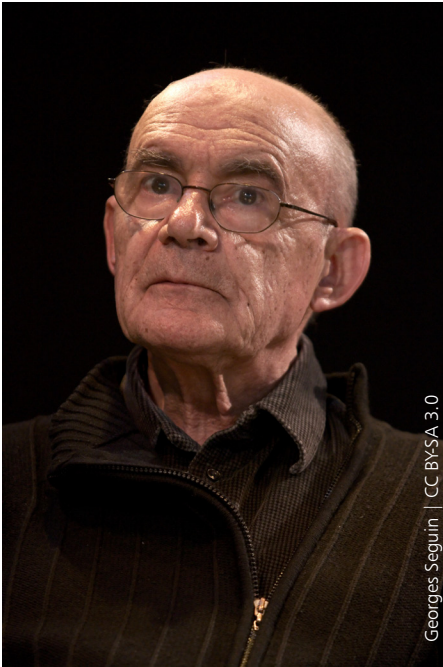
“Quem lê ou já leu Jean-Luc Nancy sabe que ele sempre nos deixa uma impressão de torpor ou êxtase filosófico”, diz Vera Casa Nova, professora aposentada da Faculdade de Letras (Fale) e responsável pela tradução, em parceria com a professora Juliana Gambogi, também da Fale. Casa Nova destaca o caráter singular que a vocação estética de Jean-Luc Nancy confere ao seu pensamento. “Traduzir seus textos é acessar um movimento de pensamento contemporâneo que habita um viés poético de rara beleza”, celebra.

Autora de *Fricções – traço, olho e letra* (Editora UFMG), entre outras obras, Vera Casa Nova classifica o texto de Jean-Luc Nancy como uma produção que, entre racionalidade e passionalidade, sobriedade e ebriedade, chega a se oferecer menos ao comentário que à (re)citação: “texto para recitar”, “não para comentar”, escreve a professora e poeta na apresentação do volume; um “texto bêbado”, como que feito para “ler e calar, ler e embriagar-se”, registra.

Presença de espírito

No livro, Jean-Luc Nancy vai tratar da embriaguez como uma “condição do espírito” que “faz sentir sua absoluteza, isto é, sua separação com tudo o que não é espírito –

tudo o que é condicionado, determinado, relativo e encadeado”, sugerindo, assim, a sobriedade como uma opção não desejável, ao menos não permanentemente. Para o filósofo, “a embriaguez é, em si mesma, a absolutização, o desencadeamento, a ascensão livre até o fora do mundo. Ela é o gozo: a identidade dada, no abandono, ao impulso que desliga o idêntico, o corpo resumido ao seu espasmo, o arrancar de um suspiro ou de um estouro, clamor entre lágrima e larva”.



Nancy: texto para ler, calar e embriagar-se

Nancy considera que a embriaguez “expressa” algo como “o suco que se propaga a partir dos licores que absorve. Ela extrai, exsuda, distila, o que significa que ela concentra, aquece, evapora e sublima. O sublimado é o espírito, o impalpável, o imaterial. Ele é inspiração, sopro, fora do lugar e fora do tempo, presente concentrado em si e que se chama *presença de espírito*: toque vivo instantâneo de uma verdade revelada”, ele diz. Escreve o filósofo: “A embriaguez

revela – ou seja, ela revela a si mesma e não a um segredo. Ela se revela como o ímpeto e o impulso do espírito: entusiasmo, proximidade divina, transbordamento do saber, efusão da graça.”

Efeitos adversos

Contudo, a despeito desse tom, laudatório em geral, o filósofo não se furta de ao menos aludir aos efeitos possivelmente adversos da embriaguez quando dos excessos, lembrando – com Cortázar – que “no extremo da embriaguez só se revela a própria embriaguez”. Escreve Nancy: “Não é fácil estabelecer a diferença entre a dependência e a libertação, o peso e a leveza, a decadência e o sublime. Não é fácil separar a tristeza ou a cólera ébria da alegria dionisiaca que engrandece aquele que a experimenta.”

Seguindo essa trilha, Nancy lembra que “no mesmo ponto do absoluto onde se dissolvem exterioridade e interioridade, ali se produz também o excesso” do qual “a queda livre não está distante”. Contudo, cumprida essa espécie de cota de politicamente correto, o filósofo vai logo voltar ao tom encomiástico que atravessa toda a sua obra e dizer que, se por um lado nos aproxima da queda, por outro, “o excesso é um acesso – ao inacessível” – que todos, em alguma medida, perseguimos, como que em busca de “uma iluminação mais originária, uma ebriedade de revelação”.

Livro: *Embriaguez*
Autor: Jean-Luc Nancy
Tradução: Vera Casa Nova e Juliana Gambogi
Revisão técnica: Márcia Arbex
Editora UFMG
R\$ 21 / 60 páginas

EXPEDIENTE Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida – Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira – Diretora de Divulgação e Comunicação Social: Fábiana Lima – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Guilherme Martins – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.